

O Sobrenome como Vestígio Histórico e Lugar de Memória

Ciclo de Estudos ABHL: Memória e Herança (ETAPA 1)

Anapuena Havena

ORCID: 0009-0008-0557-3162

HAVENA, Anapuena. O Sobrenome como Vestígio Histórico e Lugar de Memória: Ciclo de Estudos ABHL: Memória e Herança (ETAPA 1). Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/o-sobrenome-como-vestigio-historico-e-lugar-de-memoria>.

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/o-sobrenome-como-vestigio-historico-e-lugar-de-memoria>

Área: Artigos Acadêmicos

Publicado em 08 de fevereiro de 2026

Há um momento na vida em que percebemos algo que, embora pareça simples, tem um significado imenso: não começamos do zero.

Pode parecer estranho dizer isso, porque o mundo moderno nos acostumou a pensar o contrário. Ele nos educou para a ideia do indivíduo isolado, como se cada pessoa fosse uma espécie de ilha: nasce, cresce, escolhe, constrói, vence ou perde, e segue. Mas essa narrativa, embora sedutora, é incompleta. Ela nos dá a sensação de autossuficiência, porém nos rouba uma parte essencial da consciência: a noção de continuidade.

É por isso que este Ciclo de Estudos se chama *Memória e Herança*.

Memória não é apenas aquilo que lembramos. É também aquilo que recebemos. E herança, por sua vez, não se limita a bens materiais, sobrenomes celebrados ou histórias contadas com orgulho. Herança inclui o que foi vivido antes de nós; o que foi suportado; o que foi construído com esforço; o que foi perdido; o que foi silenciado e, ainda assim, permaneceu.

E é aqui que entra o sobrenome.

Para muitos, ele é apenas um complemento do nome, como um detalhe. Algo para preencher documentos, que repetimos automaticamente desde a infância. No entanto, quando olhamos para ele com atenção, percebemos que o sobrenome é um dos mais antigos vestígios que carregamos. É um fragmento do passado carregado no presente.

Quanto à sua origem, o sobrenome pode apontar para um território, uma profissão, uma linhagem familiar, uma migração, um encontro de povos, um deslocamento forçado, uma escolha ou uma imposição. O sobrenome pode ser uma lembrança preservada ou uma marca de sobrevivência. Pode ter sido herdado com orgulho ou mantido por necessidade.

Ainda assim, mesmo quando não conhecemos seu significado exato, o sobrenome revela algo profundo: continuidade.

Você recebeu esse nome de alguém. E, mesmo que não tenha conhecido essa pessoa; mesmo que a história tenha se perdido; mesmo que existam lacunas, o simples fato de carregá-lo já é testemunho de que há uma cadeia humana anterior a você. Uma sequência, um fio, uma estrada longa já percorrida.

E compreender isso muda tudo, porque quando começamos a investigar um sobrenome, não estamos fazendo apenas uma pesquisa curiosa. Estamos dando o primeiro passo para abandonar a ilusão do indivíduo isolado. Estamos reconhecendo que existe uma história anterior e que nós somos herdeiros dela. Mesmo quando não gostamos de tudo o que encontramos, quando há dor. Mesmo quando há algum silêncio nesse caminho.

Por isso, nesta primeira etapa, o nosso objetivo não é encontrar um sobrenome “bonito”, um brasão ou um título para nos orgulhar. Tampouco fabricar uma origem nobre para contar aos outros.

O nosso objetivo é mais sério: aprender a enxergar o sobrenome como lugar de memória. E isso exige uma postura que, aqui na ABHL, levamos muito a sério: a postura ética.

Há um risco enorme em estudar o passado sem cuidado. Um dos maiores obstáculos para compreender a história é aquilo que chamamos de presentismo, que é a tendência de olhar para o passado com os critérios e as facilidades do presente. Quando fazemos isso, perdemos a capacidade de enxergar o esforço envolvido na construção do mundo que herdamos. Passamos a julgar pessoas antigas como se elas tivessem vivido com os mesmos recursos, as mesmas leis, a mesma segurança, os mesmos direitos e as mesmas possibilidades que temos hoje.

E, quando fazemos isso, cometemos injustiças.

Por isso, ao investigarmos um sobrenome, precisamos de duas coisas que caminham juntas: fidelidade aos fatos e humildade.

Fidelidade para não inventar e humildade para não romantizar. Porque sobrenomes podem revelar encontros, mas também desencontros; escolhas, mas também imposições; memórias preservadas, mas também apagamentos e silêncios forçados.

Há sobrenomes que chegaram ao Brasil em navios cheios de esperança e há também sobrenomes que chegaram por completa necessidade. Há, ainda, sobrenomes que chegaram em meio à violência, arrancados de nomes anteriores e depois substituídos e apagados. Não podemos estudar isso com superficialidade.

Este é o convite desta etapa: ao estudarmos a origem do sobrenome, olharmos para ele como vestígio, sinal e fragmento de herança. Um lugar onde a história deixou marcas.

E acredito que você já tenha percebido, mesmo antes de avançarmos, que este estudo tem uma consequência: ele muda o modo como nos vemos. Porque, quando compreendemos que ninguém começa do zero, somos levados a valorizar o que veio antes de nós e, conseqüentemente, percebemos algo que faz parte da necessidade humana: o sentimento de pertencimento. A satisfatória sensação de que pertencemos a algo.

O sobrenome não é um detalhe do nome. É um vestígio histórico e um lugar de memória.

Ciclo de Estudos ABHL: *Memória e Herança*

Etapa 1: *Despertar / Sobrenome* (Trecho do texto base)

Curadoria: Anapuenta Havena

COMO CITAR

HAVENA, Anapuenta. O Sobrenome como Vestígio Histórico e Lugar de Memória: Ciclo de Estudos ABHL: Memória e Herança (ETAPA 1). Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em:
<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/o-sobrenome-como-vestigio-historico-e-lugar-de-memoria>.